

Revolução Russa e questão nacional em Mariátegui

Yuri Martins Fontes¹

Resumo:

Panorama das impressões de Mariátegui sobre temas relacionados à Revolução Russa, assunto que desenvolve em dezenas de textos (acontecimentos, instituições, personagens). Exilado na Europa pós-Guerra, trava contatos que lhe permitem se aprofundar nas experiências revolucionárias que pululavam pelo mundo. Admirador do “método” e da “fé” bolchevique – que injeta ânimo no socialismo então apassivado –, não se furta a polemizar com a Comintern quanto à questão nacional. Mesmo sendo um personagem periférico na geopolítica eurocêntrica, sua militância e pensamento original o ergueriam como uma das grandes vozes do marxismo do século XX.

Palavras-chave: Revolução Russa; questão nacional; marxismo; Internacional Comunista; socialismo; América Latina.

Russian Revolution and National question in Mariátegui

Abstract:

General overview of Mariátegui's impressions on themes concerning the Russian Revolution, subject which is developed in dozens of texts (comprising events, institutions and characters). Exiled in post-war Europe, he makes contacts with people which allow him to keep up to date with, and further understand the revolutionary experiences going on around the world at that time. Admirer of the bolshevik "method" and "faith" – which brings a new breath of enthusiasm to a socialism rendered somewhat passive –, he does not shrink from polemics with the Comintern as far as the national question is concerned. Even though he was a peripheral character in Eurocentrical

¹ Doutor em história econômica (Universidade de São Paulo – USP) e jornalista, com Pós-doutorado em filosofia (USP) e história (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP).

geopolitics, his militant action and original thought have raised him to the status of being considered one of the great voices of twentieth-century Marxism.

Key words: Russian Revolution; national question; marxism; Communist International; socialism; Latin America.

O pensador marxista José Carlos Mariátegui é um autodidata que, embora não tenha frequentado o tão estrito ambiente universitário, aproxima-se cedo das letras pelos precoces trabalhos na imprensa e, em seguida, nelas pode se aprofundar dada a oportunidade que lhe surge de viajar pela Europa – em uma época de tensões latentes –, local em que vivenciaria mais de perto aquele momento ímpar que foram os primeiros anos de consolidação da Revolução de Outubro e a conseqüente ebulição social com que o evento chacoalhou o planeta. Por lá, trava importantes contatos políticos, intelectuais e literários e aprende idiomas, aproximando-se, assim, daquele acontecimento histórico extraordinário levado a cabo pelos bolcheviques que, como ele faz notar em diversos escritos sobre o tema, transformou a concepção de toda uma época. Na ocasião, viaja por vários países, mas não chega à Rússia, estabelecendo-se em Roma, base donde se articulava com a realidade de variadas partes do mundo – da política europeia aos levantes orientais – mediante contatos com revolucionários, escritores, intelectuais, jornalistas e viajantes de variadas tendências ideológicas.

Conforme expressaria mais tarde, em entrevista (“Una encuesta a Mariátegui”), seu método para manter-se a par da “atualidade internacional” é sempre o de “trabalhar, estudar e meditar” – evitando fiar-se “por demais” apenas nos “dados”, mas antes empregando-os como base “material” a partir da qual, com o empenho da “interpretação”, esforçava-se para alcançar uma explicação que desse conta de apreendê-los em seu contexto histórico (MARIÁTEGUI, [La novela y la vida,] 1984, p. 57).

É autor de várias dezenas de artigos sobre temas russos – tratando tanto da conjuntura e do desenrolar do processo insurgente como das instituições e lideranças do novo governo soviético. Além destes, a temática russa aparece em vários outros de seus ensaios – escritos que são permeados pelo “ideário” e “modelo” da Revolução comandada por Lênin, episódio que o marcaria e lhe

serviria como “guia”, não apenas filosófico ou político, mas para os variados campos sobre os quais disserta, inclusive a arte e a literatura; este é caso, especialmente, daqueles textos em que analisa o processo histórico mundial, ou polemiza com revisionistas e social-democratas em defesa do “materialismo histórico” e do “método revolucionário”, o qual na “etapa do imperialismo e dos monopólios” tinha de ser – afirma, no “Programa do Partido Socialista Peruano” – o método “marxista-leninista” (MARIÁTEGUI, 2011, p. 206)².

Formação e exílio

Nascido no fim do século XIX, nas montanhas de Moquegua (Peru), José Carlos Mariátegui (1894–1930) cedo se mudaria para Lima. Filho de uma família de trabalhadores humildes, sua juventude se dá em um conturbado momento histórico, em que dois acontecimentos históricos *extremos* promovem o questionamento daquela civilização dita *moderna* ou *ocidental*: de um lado, a I Guerra Mundial, evento em que as potências capitalistas mais “avançadas”, com o uso das tantas tecnologias desenvolvidas desde o início da Revolução Industrial, levam a humanidade a conhecer um de seus capítulos de maior barbárie da história universal; doutro, a Revolução Bolchevique, o “exemplo” vivo da práxis vitoriosa com que os soviéticos puseram em xeque o ceticismo confortável dos adeptos da *eterna espera* por dias melhores, propondo na prática, ao presente, uma alternativa à opressão e miséria capitalistas.

Começa, ainda adolescente, a trabalhar com tipografia no diário *La Prensa*; no prelúdio da I Guerra debuta na escrita com crítica literária e versos, mas logo veria publicados seus primeiros artigos jornalísticos sobre temas políticos. Esta atividade o aproxima do movimento operário de linha anarquista bakuninista, que já no fim do século tinha sido trazida à América por trabalhadores militantes imigrados da Europa. Sua facilidade, e mesmo seu dom artístico, com as palavras e a argumentação fariam deste jovem, que já nutria “inclinações” ao socialismo, um proeminente jornalista – mais tarde reconhecido como grande historiador e filósofo marxista. Às vésperas da Revolução Russa, torna-se cronista regular do jornal *El Tiempo* (1916), no qual se dedica ao embate político, denunciando a demagógica “democracia mestiça” – fonte de “divertimento” usada para desviar a atenção do povo, enquanto as classes dominantes da Costa peruana e seus aliados latifundiários

2 Vide, em especial, os ensaios filosóficos contidos na publicação póstuma *Defensa del marxismo* (ed. bras.: MARIÁTEGUI, 2011).

consolidavam a nação como um “setor colonial” do imperialismo estadunidense (MARTINS FONTES, 2015, pp. 95 ss)³.

Em 1917, fica a par das sublevações de Petrogrado e Moscou por meio do teletipo. Rapidamente, a notícia do estabelecimento de uma nova ordem social ganha visibilidade por todo o mundo. No Peru, esta é uma época de forte alta nos preços dos alimentos e de conseqüente instabilidade social. Nesse contexto, Mariátegui apoia o movimento popular em ebulição e suas greves. Em seus *Apuntes autobiográficos* (de 1927), afirma que é em 1918 que, “nauseado” com a “política provinciana” de seu país, volta-se “resolutamente ao socialismo”. É nesse mesmo ano que dá início a suas atividades como *editor*, participando da fundação da revista *Nuestra Época* – publicação que, segundo o autor, não traçava ainda um efetivo “programa socialista”, mas já se colocava como um esforço nesse sentido; como o projeto não vai adiante, em 1919 funda o jornal *La Razón* – por meio do qual apoia as lutas universitárias e operárias que se acirram. Por esse período, uma greve geral é violentamente reprimida, e seus líderes são feitos presos políticos. Era o início de uma década de populismo direitista – economicamente pró-estadunidense, embora com alguma preocupação nacionalista. Mariátegui e seu jornal saem em defesa dos operários encarcerados – postura que tomaria sérias proporções, ao ser reconhecida e aclamada por uma multidão na praça pública limenha. Como consequência da projeção, meganhas fechariam a redação de *La Razón* um mês depois, e seu editor seria deportado à Europa, recebendo, não obstante, uma conciliadora bolsa governamental, sob a aparência de “propagandista do Peru no estrangeiro”; fora a forma encontrada pelo governo para evitar, em meio à agitação popular, mais desgastes ao presidente, cuja esposa coincidentemente era parente de Mariátegui.

Ele segue em viagem, rompendo, conforme declararia, com sua experiência inicial de literato “contaminado de decadentismo”. Passará três anos em terras estrangeiras, tendo conhecido vários países, e em especial a Itália – onde passa a residir e acaba por se casar.

Na efervescência da conjuntura europeia, estremecida em seus alicerces pela I Guerra e pela Revolução Russa, tem contato com as obras de Marx, Engels e Lênin, além do movimento comunista italiano e o surrealismo. Além disso, a família de sua companheira, Ana Chiappe, era do círculo de convivência do já então renomado filósofo Benedetto Croce, de modo que tem a

3 Vide sobre o tema meus trabalhos anteriores: *O marxismo de Caio Prado e Mariátegui – formação do pensamento latino-americano contemporâneo* (2015) e *Marx na América – a práxis de Caio Prado e Mariátegui* (2017), nos quais se encontra farta descrição bibliográfica das obras mariateguianas.

oportunidade de estabelecer interessantes contatos no meio intelectual e político. Por esses tempos, vivencia ocupações de fábricas, participa de congressos de trabalhadores e se aproxima do movimento em torno do periódico *L'Ordine Nuovo*, travando relação com o pensamento do marxista Antonio Gramsci e vivendo de perto tanto a fundação do Partido Comunista da Itália como a ascensão fascista no país.

Revolução Russa: o começo do “novo mundo”

Ao regressar ao Peru, em 1923, Mariátegui já defende publicamente seu ideal comunista. No Partido Bolchevique, enxerga a convergência *ótima* entre “teoria” e “prática”, entre *filosofia e ciência*. Em *Defesa do marxismo* (1929), escreve que Lênin é “incontestavelmente” o revigorador “mais enérgico e fecundo” do pensamento marxista (MARIÁTEGUI, 2011, p. 31).

No mesmo ano de seu retorno, Haya de la Torre o convida a palestrar nas Universidades Populares González Prada, base da qual se originaria a Aliança Popular Revolucionária Americana (Apra) – movimento internacional revisionista. O marxista ministraria três conferências sobre a Revolução Russa – publicadas postumamente na obra *História da crise mundial* (1959), a qual reúne estas e outras palestras sobre diversos processos revolucionários mundiais proferidas nessa instituição. Tais conferências sobre a Rússia seriam um importante contraponto ao discurso hegemônico com que a imprensa corporativa europeia-ocidental e estadunidense, mediante suas poderosas agências de notícias, inundavam o mundo com informações parciais, tendenciosas, fragmentadas e muitas vezes *diretamente* mentirosas sobre a ainda tão recente e desconhecida União Soviética (fundada havia apenas alguns meses).

Nessas e nas demais palestras, usa-se da palavra para difundir um pensamento marxista fortemente influenciado pela concepção de Lênin. Segundo a perspectiva mariateguiana, a realidade contemporânea vivia um momento de forte *polarização* – entre revolucionários e reacionários –, e nesse contexto as teses *evolucionistas* dos social-democratas já tinham caducado e de nada serviriam ao processo revolucionário mundial, que se iniciara na Rússia. As entidades de trabalhadores, diz ele, já não podem ser apenas “institutos de extensão universitária agnóstica e incolor” – mas têm de ser “escolas de classe” atuantes, posicionadas, ativas no trabalho de base (MARIÁTEGUI, 1959).

Mariátegui interpreta o fenômeno do fascismo como uma resposta do *grande capital* à grave crise sociopolítica – e filosófica – do pós-Guerra; uma

situação que, para ele, corroborava o “declínio” da sociedade ocidental, fenômeno já desenhado com a irracionalidade cheia de horrores e absurdos explicitada na I Guerra. Em lúcida e precoce interpretação, analisa que o fascismo não era estranho à ordem burguesa, muito pelo contrário, era a sua “solução”; trata-se da *reação* do capital à crise de suas instituições parlamentares, que já não serviam aos interesses da burguesia, neste que já era um período de “imperialismo monopolista”; ou, ainda, uma expressão de violência extremada das classes dominantes, que já não sentiam seus privilégios protegidos com aqueles mecanismos que permitiam liberdades minimamente democráticas (MARTINS FONTES, 2015, p. 107). “A Guerra Mundial não modificou ou fraturou unicamente a economia e a política do Ocidente” – afirma, em seu “Dos concepciones de la vida” (1925) –, “modificou ou fraturou também sua mentalidade e espírito.” Neste texto, pondera que o *evolucionismo social*, ou o excesso de racionalismo *cientificista* dos tempos pré-bélicos, tinha engendrado, não só nos conservadores, mas também nos socialistas (refere-se à social-democracia “passiva” da II Internacional), um “respeito supersticioso pela ideia de progresso”. Era como se a humanidade, com seu “bem-estar material” e a “potência física das urbes”, tivesse encontrado uma “via definitiva”, diante de que não caberiam maiores esforços, a não ser o da (eterna) *espera*. Assim, uns e outros, socialistas e reacionários, viriam contraditoriamente a “coincidir” na sua defesa de uma ideia *positivista* de “progresso”, pautada em uma suposta *via pacífica* de recusa à violência. O ideal dessa geração, diz Mariátegui, era o de “viver docemente” – mas a Guerra não perdoaria esta compreensão “frívola e estúpida”, e a Europa “dilacerada” logo mudaria de “mentalidade” (MARIÁTEGUI, [*El alma matinal y otras estaciones del hombre de hoy,*] 1969, pp. 13 ss). Efetivamente, o pensador pondera – com Georges Sorel – que a “violência” estava *dada*, estava posta e não havia como evitá-la; caberia, assim, *orientá-la* em prol da possibilidade de seu próprio fim. Diante deste panorama lancinante, enxerga a Revolução Russa como a grande esperança para a libertação dos trabalhadores espoliados, como o momento-chave para a virada emancipatória da história, quando as “energias românticas do homem ocidental”, que estiveram “anestesiadas” durante um confortável período de paz, renasceram “tempestuosas”, ressuscitando com elas também o valor ou o “culto da violência”⁴. A Revolução Soviética foi que veio insuflar no envelhecido movimento socialista um novo “ânimo guerreiro”.

4 Nota-se aqui a leitura que Mariátegui faz do pensamento romântico de Georges Sorel, sindicalista-revolucionário autor da impactante obra *Reflexões sobre a violência* (1908), leitura esta que não denota propriamente uma “influência”, mas antes uma apropriação, de acordo com seus próprios fins marxistas revolucionários.

Os bolcheviques, ao contrário dos pacifistas da Internacional Socialista, não padeciam da antiga “superstição do progresso”, pois foram “testemunhas” – “conscientes ou inconscientes” – do que a Guerra demonstrara à humanidade, a saber: que era possível ocorrerem “acontecimentos superiores à previsão da Ciência”, e ainda mais grave, “contrários ao interesse da civilização”. Assim, a burguesia, “assustada pela violência bolchevique, apelou para a violência fascista”. Mariátegui conclui este que é um de seus mais clássicos ensaios colocando que o homem contemporâneo tem “necessidade de fé”, não uma fé religiosa, como no passado, mas uma “fé combativa”, uma esperança racional na liberdade – algo que faltara à social-democracia; uma postura de vida ou *subjetiva* que se distingue frontalmente do “ceticismo” ou “niilismo” típico do burguês (MARIÁTEGUI, [El alma matinal...,] 1969, pp. 13 ss).

Mais tarde, em suas polêmicas revolucionárias escritas entre 1928 e 1929, Mariátegui reafirma sua admiração e estima por Lênin – “revolucionário e estadista genial”, “figura coroada de lenda, de mito e de fábula” (MARIÁTEGUI, [La escena contemporánea,] 2010b, p. 370) –, bem como explana sua confiança nos caminhos históricos franqueados pela Revolução Bolchevique, esta que ele julga ser a “expressão culminante do marxismo teórico e prático”:

Lênin aparece incontestavelmente em nossa época como o restaurador mais enérgico e fecundo do pensamento marxista (...). A Revolução Russa constitui, quer aceitem ou não os reformistas, o acontecimento dominante do socialismo contemporâneo. É nesse acontecimento, cujo alcance histórico não se pôde ainda medir, onde se deve buscar a nova etapa marxista. (MARIÁTEGUI, 2011, p. 31)

Em seu entender, se Paul Valéry bem coloca que Kant “engendrou Hegel”, e que este “engendrou Marx...”, pode-se também complementar este dito com a proposição de Charles Achelin⁵, que substituiu as reticências de Valéry “pelo nome de Lênin” (MARIÁTEGUI, 2011, p. 43).

A Revolução Russa, diz Mariátegui, em debate com o reformismo social-democrata da II Internacional, “produziu um tipo de homem pensante e operante que deveria dar algo que pensar a certos filósofos baratos carregados de todos os preconceitos e superstições racionalistas”:

A I Internacional, fundada em Londres por Marx e Engels, foi somente um rascunho, um germe, um programa. A realidade internacional ainda não estava definida. O socialismo era uma força em formação. Marx acabara de lhe dar concretude histórica. Cumprida sua função (...) submergiu na confusa nebulosa da qual havia emergido (...). Alguns anos depois, a Internacional reapareceu

5 Também conhecido como Charles Hainchelin (1901-44).

vigorosamente. O crescimento dos partidos e sindicatos socialistas requeria uma coordenação e uma articulação internacionais. A função da Segunda II Internacional foi quase que unicamente uma função organizadora. Os partidos socialistas da época efetuavam um trabalho de recrutamento. Sentiam que a data da revolução social se achava distante. Propuseram-se, por conseguinte, à conquista de algumas reformas interinas. O movimento operário adquiriu, assim, um ânimo e uma mentalidade reformistas. (MARIÁTEGUI, 2011, pp. 154 ss)

A consequência desse processo foi que a Internacional Socialista acabou por se “habituar” ao reformismo, e isto, em um momento de resistência à Guerra – o qual exigia, portanto, uma atitude “revolucionária” –, faria que ela naufragasse com seu “pacifismo estático”. No entanto, algumas minorias dissidentes continuaram representando fielmente sua “tradição” e “ideário”, vindo a se reunir nos congressos de Kiental e de Zimmerwald, na Suíça, em que rascunhariam as bases do que seria a III Internacional. E seria a Revolução Russa a grande “impulsionadora” deste novo movimento – conforme observa o autor –, muito embora aquela social-democracia frouxa, anacrônica e desacreditada se recusasse a perecer:

Sob suas bandeiras [da III Internacional] agruparam-se os elementos revolucionários do socialismo e do sindicalismo.

Mas com a mesma mentalidade, os mesmos homens e o mesmo pacifismo platônico dos tempos pré-bélicos, reapareceu a II Internacional. Em seu estado-maior concentram-se os líderes clássicos do socialismo: Vandervelde, Kautsky, Bernstein, Turati etc (...). Agem como se a Guerra não tivesse destruído nada, não tivesse fraturado nada, não tivesse interrompido nada. Não admitem, nem compreendem a existência de uma nova realidade. Os que aderiram à Segunda II Internacional são em sua maioria, velhos socialistas. Já a Terceira III Internacional, ao contrário, recruta o grosso de seus adeptos por entre a juventude. Este dado indica, melhor que qualquer outro, a diferença histórica de ambos os agrupamentos. (MARIÁTEGUI, 2011, pp. 154 ss)

Daí, Mariátegui infere que, se a Internacional Socialista foi uma “máquina de organização”, a Internacional Comunista era uma “máquina de combate”. Se foi Marx quem “deu início” a esse “tipo de homem” de “ação e pensamento”, é contudo nos líderes soviéticos que transparece com traços mais delineados o perfil do “ideólogo realizador”. “Lênin, Trotsky, Bukhárin, Lunacharsky – reflete Mariátegui – filosofam na teoria e na práxis”. Cita o exemplo de Lênin, que, ao lado de seus “trabalhos de estrategista da luta de classes”, ainda encontrou tempo para se dedicar a nos explicitar organizadamente suas ideias na obra *Materialismo e empiriocriticismo* (1909); e também Trotsky, que, por

sua vez, em meio ao “desenrolar da guerra civil” e das discussões do Partido, também logrou tempo para se ocupar (1922-23) com suas “meditações” literárias, escrevendo *Literatura e revolução* (note-se que a literatura foi tema que desde jovem atraiu com entusiasmo a atenção de Mariátegui); e o marxista peruano não se esquece também da grande figura feminina revolucionária (ele que foi um dos primeiros marxistas a debater o tema do feminismo⁶): “E acaso não se reuniram a toda hora em Rosa Luxemburgo a *combatente* e a *artista*?” (MARIÁTEGUI, 2011, pp. 46 ss)

Neste conflito “entre duas mentalidades”, “entre dois métodos do socialismo”, o autor põe dentre seus personagens principais, ao lado de Lênin, o nome de seu “discípulo” Zinoviev: “o crítico mais ácido e mais contundente da II Internacional”, para quem a Guerra “antecipou”, ou melhor, “precipitou” a era socialista. Já existiriam as “premissas econômicas” da revolução proletária, “mas falta-lhe ainda a orientação espiritual da classe trabalhadora”; e isto, a Segunda II Internacional, com sua crença nas vias pacíficas de uma “doce transição do capitalismo ao socialismo”, não pôde, nem pode, fornecer. Daí a necessidade da III Internacional, que, como ressalta Zinoviev, não se restringe mais aos povos do Ocidente, aos “homens de cor branca”, pois a Revolução, para além dos povos europeus, é um universal “despertar das massas oprimidas” – que deve abranger todo o mundo.

Observa, entretanto: a “crítica ácida” de Zinoviev não se dirige apenas aos “socialistas reformistas”, mas ele polemiza também com comunistas que se afastam da “teoria e prática leninistas”. É o caso de seu embate com Trotsky – questão que ganhou “ressonância mundial”: Trotsky, Preobrajensky e alguns outros líderes do Partido Comunista Russo se puseram a atacar a “velha guarda” do Partido – escreve Mariátegui –, incitando contra suas posições os estudantes de Moscou, um gesto que Zinoviev acusou de “demagógico”, vista a falta de uma argumentação respaldada, e respondeu com certo tom irônico, ressaltando a *incipiência política* dos acusadores: “apesar de estudarem *O capital* de Marx desde há seis meses, não governam ainda o país!” O debate, lembra o autor, resolveu-se a favor da tese de Zinoviev, sustentado não só pela “velha”, mas pela “nova guarda leninista”. “Toda a vida deste grande agitador é uma vida polêmica.” (MARIÁTEGUI, 2011, pp. 46 ss)

Mesmo com seu implícito apoio, neste caso, à posição de Zinoviev – o qual, de sua parte, ao tomar conhecimento das ideias mariáteguianas, que ganham repercussão com a publicação de seu *Sete ensaios de interpretação da*

6 Vide o artigo “As reivindicações feministas” (1924), incluído em *Defesa do marxismo* (2011).

realidade peruana (1928), declara ser o marxista peruano um “autêntico criador” (BAUER; PARIS *et al.*, 1976) –, entretanto, vale salientar que Mariátegui, por outro lado, não deixa de manifestar apreço pela figura de Trotsky, a quem considera não “apenas um protagonista”, mas “também um filósofo, um historiador e um crítico da Revolução” (MARIÁTEGUI, 2011, pp. 141 ss). “Naturalmente”, pondera, “nenhum líder da Revolução pode carecer de uma visão panorâmica e certa de suas raízes e gênese” – como é o caso de Lênin, que se distinguiu por sua “singular faculdade de perceber e entender a direção da história contemporânea e o sentido dos acontecimentos”⁷. No entanto, observa, enquanto os “penetrantes estudos” de Lênin se centram nas questões “políticas e econômicas”, Trotsky interessa-se pelas “consequências da Revolução” também na “filosofia e na arte”, polemizando com escritores e artistas que anunciam uma suposta “chegada” de uma “nova arte”: a “arte proletária”. Mariátegui demonstra aqui seu acordo com a ideia de Trotsky, que nega tal tese: a Revolução ainda está em seu “período embrionário”, e seus protagonistas, logicamente, gastam seu tempo e energia com suas lutas por “abater a burguesia”, por resolver seus problemas mais imediatos, “econômicos, políticos e educacionais”. “A cultura – ele cita Trotsky – não é a primeira fase de um bem-estar: é um resultado final.”

Apesar desta simpatia que Mariátegui manifesta por Trotsky em alguns escritos, chegando mesmo a demonstrar apoio a certas posições do russo e de sua *Oposição de Esquerda* (no âmbito do debate no interior do Partido Comunista Soviético), Mariátegui, no aquecer do conflito – cuja progressão autoritária ele não viveria para testemunhar –, avaliará em “El exilio de Trotsky” (1929) que, se a posição deste lhe parece uma legítima e saudável “prova de vitalidade” da política soviética, não obstante, suas qualidades “até o momento” não são suficientes para “dar-se razão ao trotskismo” em seu propósito de assumir o comando soviético. Para Mariátegui, o atual governo, embora abalado com a morte de Lênin – fato que deixou vacante o “posto de chefe genial” e de “imensa autoridade pessoal”, colocando a Revolução em etapa tão delicada –, ainda é o que demonstra ter “maior capacidade objetiva” para a “realização do programa marxista”. Embora Trotsky se destacasse – reflete – por sobre seus camaradas devido a sua “brilhante” personalidade, “faltava-lhe vinculação sólida e antiga” com a “equipe leninista”; além disto, até

7 Note-se aqui a importância filosófica que Mariátegui dá ao conceito de “sentido” histórico – ou “bússola” –, sobre o qual discorre em alguns de seus escritos; nesta ideia, como inclusive em muitas outras, o marxista se aproxima de outro grande pensador materialista histórico de seu tempo (período de formação de um pensamento marxista original na América), Caio Prado Jr. Sobre o tema, vide os meus trabalhos já mencionados (MARTINS FONTES, 2015; 2017).

antes da Revolução suas relações “com a maioria de seus membros” haviam sido “muito pouco cordiais” (MARIÁTEGUI, [*Figuras y aspectos de la vida mundial – III,*] 1970, pp. 19 ss).

Desse debate vale, enfim, frisar, sobretudo, o posicionamento do pensador peruano ao reiterar a necessidade “vital” e “útil” do conflito político que – até então – se desenvolvia de modo *dialético* entre ambas as *posições* do Partido: é vital a “crítica vigilante”, pois que senão corre-se o “risco” – ressalta ele, antecipando o problema que se agravaria – de “se cair em um burocratismo formalista, mecânico” (MARIÁTEGUI, 1970, pp. 19 ss).

Outra personagem revolucionária crucial que chama a atenção de Mariátegui, neste período do processo de construção das novas estruturas soviéticas, é Lunacharsky – o “comissário de Instrução Pública dos soviets”, cuja figura se impunha sobre as críticas *levianas* do Ocidente, quando a Revolução era difamada como “ameaça para a civilização”, e o bolchevismo, descrito como uma “horda bárbara” que, na “atmosfera irrespirável” em que lançara a nação, não ofereceria condições para a “Arte e a Ciência”. Estas conjecturas de “lúgubres augúrios” sobre o futuro da cultura russa, porém – afirma Mariátegui –, “já estão liquidadas”; e uma das principais causas desse novo ânimo é exatamente aquela realizada “no terreno da instrução pública”.

A cultura russa, nos tempos do tsarismo, estava dominada por uma pequena elite. O povo sofria não só de uma grande miséria física, mas também de uma grande miséria intelectual. As proporções de analfabetismo eram aterradoras. Em Petrogrado, o censo de 1910 acusava 31% de analfabetos e 49% de semianalfabetos. Pouco importava se a nobreza se apresentasse com todos os refinamentos da moda e da arte ocidentais, ou que na universidade fossem debatidas todas as grandes ideias contemporâneas. O mujique, o operário, a multidão eram estranhos a essa cultura. (MARIÁTEGUI, 2011, pp. 144 ss)

Neste cenário desolador, a Revolução deu a Lunacharsky o “encargo de fincar as bases de uma cultura proletária”: “Os materiais disponíveis para esta obra gigantesca não poderiam ser mais exíguos.” Obviamente, pondera o autor, os soviets gastavam a maior parte de suas “energias materiais e espirituais” com a defesa militar e econômica da Revolução, que era então atacada por forças reacionárias – internas e do Ocidente – por vários flancos. Lunacharsky não só contava com poucos auxiliares, poucos professores e escolas precárias, como ainda os homens de ciência e letras – “quase todos elementos técnicos e intelectuais da burguesia” – se dedicavam a “sabotar” os esforços revolucionários. Lunacharsky chegou a se sentir sem forças, mas o apoio da “autoridade” dos “homens da Revolução” lhe traria a fé que não voltaria a abandoná-lo. Mesmo com os devastadores efeitos de um conflito bélico daquela

magnitude o patrimônio histórico russo tinha sido poupado, e Lunacharsky lograria então protegê-lo definitivamente e torná-lo realmente público:

Os museus públicos se enriqueceram com os quadros, estátuas e relíquias de coleções privadas. As obras de arte, antes monopolizadas pela aristocracia e burguesia russas, em seus palácios e mansões, são agora exibidas nas galerias do estado. Antes, elas eram um luxo egoísta da casta dominante; agora são um elemento da educação artística do povo. (MARIÁTEGUI, 2011, pp. 144 ss)

Mais “fecundo e criador ainda”, nota Mariátegui, foi seu trabalho junto às escolas, abrindo caminhos por sobre obstáculos à primeira vista “insuperáveis”: “insuficiência do orçamento da instrução pública”, “pobreza do material escolar” e “falta de professores”. Mesmo assim, os soviets conseguiram manter um número de escolas “várias vezes superior” ao do regime tsarista: em 1917, as escolas eram 38 mil; em 1919, já eram 62 mil; e posteriormente muitos novos estabelecimentos de ensino foram abertos. Decerto, a “limitação de seus recursos” não permitiu ao estado comunista cumprir integralmente parte de seu programa, que consistia em prover aos estudantes “alojamento, alimentação e vestimenta”; mas, “apesar de tudo”, são “700 mil” as crianças que “moram” em escolas públicas internas. Mariátegui destaca também a destinação dada aos edifícios magnânicos e históricos – documentos de *cultura e barbárie*, como diria Walter Benjamin⁸ – da burguesia: “Muitos luxuosos hotéis e muitas mansões ensolaradas foram transformados em colégios ou casas de saúde para crianças.” (MARIÁTEGUI, 2011, pp. 144 ss)

Mariátegui conclui, esperançoso, suas conjecturas sobre o futuro da cultura na Rússia afirmando que, “para os revolucionários russos, a criança representa realmente a nova humanidade” – ao que cita a “precisa observação” do economista francês Charles Gide, que nota que na União Soviética é a criança o principal “usufrutuário”, o “*profiteur*” da Revolução.

De fato, ainda que a União Soviética tenha tido seus retrocessos e, por fim – em grande medida – se desfeito, após quase um século, não se pode deixar de levar em consideração os imensos, e até então imponderáveis, êxitos que a Revolução proporcionaria à Rússia e demais nações soviéticas, até então dentre as mais atrasadas da Europa e Ásia. Não é preciso ir longe nesta argumentação: em menos de um século, a Rússia cumpriu em sua história uma

8 Benjamin, como Mariátegui, é considerado representante primeiro do marxismo romântico; isto porque ambos deram centralidade à subjetividade, ao sentimento, no marxismo, em tempos de hegemonia da pura objetividade – conforme os cânones abstratos do desvio positivista que acometeu o marxismo na passagem do século XIX para o XX; isso não significa, entretanto, que não defendessem também a fundamental objetividade ou cientificidade do materialismo histórico.

evolução social, cultural e econômica que os ricos europeus ocidentais, mesmo com sua precoce, proveitosa e desonesta Revolução Industrial – propiciada, desde o século XVI, pelo genocídio dos povos originários da América e a pilhagem de seus saberes e recursos naturais –, ainda assim tardaram cinco séculos para consumir.

E veja-se hoje: a Rússia, mesmo sem o poder da União Soviética, mostra-se ainda como uma grande potência com capacidade – e intenção – de fazer frente aos Estados Unidos, enquanto a Europa, cada vez mais vassala da superpotência, afunda entre a supressão autoritária de mínimos direitos sociais e a degeneração ética – que pode ser notada generalizadamente na ascensão da mentalidade e política fascistas.

A Internacional Comunista e a questão nacional

Entusiasmado com as conquistas da Revolução Soviética, Mariátegui volta da Europa com a incumbência – a ele designada em reuniões com camaradas conterrâneos que conhece por lá – de criar um partido comunista no Peru. Assim, naquele contexto tão diverso, que era o de sua nação latino-americana, Mariátegui empreenderá seus esforços para fundar uma organização partidária que estivesse à altura das novas tarefas necessárias a essa nova “era socialista”.

Em 1928, lidera a fundação do Partido Socialista Peruano, colocando como prioridade sua vinculação à III Internacional, organização da qual já aproximara e de que não mais se afastaria, apesar de algumas importantes polêmicas travadas – pois que com seu veio polemista jamais renunciou à independência de sua crítica. O nome “Socialista” é uma forma que encontra para evitar problemas e isolamento em um país como o seu, de mentalidade ainda tão reacionária. Como secretário-geral, defende a ideia de que o Partido deveria adaptar sua ação às condições sociais peruanas, mas sem deixar de observar critérios mais universais, pois que as circunstâncias nacionais estavam naturalmente submetidas à “história mundial”. O método de luta, declara, seria o *marxismo-leninismo*, e a forma, a *revolução*.

Entende o marxismo, não obstante, como um pensamento aberto, recusando, assim, quaisquer dogmas que o quisessem enrijecer, caso de certo socialismo *positivista* e *eurocêntrico* – de visão “etapista” que tinha o modelo europeu como *universal* –, postura que contaminara a Internacional Socialista, e que, em certos aspectos, manter-se-ia (e mais tarde, se agravaria) nas posições da Internacional Comunista.

Para Mariátegui, era imprescindível incorporar o marxismo às

peculiaridades históricas de cada nação, apropriando-se criativamente da teoria começada por Marx. O dogma “positivista” – usa o termo em sentido lato –, infiltrado no socialismo e influente por dentre reformistas peruanos à época (como Haya), previa certa “evolução natural” da sociedade, conforme se dera na história europeia. A partir de tal premissa, os reformistas concluíam a necessidade de “alianças” entre trabalhadores e parcelas supostamente “nacionais” das classes burguesas, de modo a se consumir, primeiramente, aquela que seria a “etapa burguesa” da Revolução – antes de se poder pensar na passagem ao socialismo, efetivamente.

No impactante artigo Punto de vista anti-imperialista, Mariátegui, contrariamente a essas tendências, argumenta que as elites peruanas – e note-se que isso vale para a América Latina de modo geral – não têm *nenhum* interesse em se confrontar com o imperialismo, como “ingenuamente” pressupunham (e pressupõem) alguns socialistas. Diferentemente, por exemplo, dos países orientais, as classes dominantes de nossas nações não são ligadas ao povo por um passado histórico ou cultura comuns, mas antes: o “aristocrata” e o “burguês” desvalorizam, “desprezam” o que é “popular”, o que é “nacional”, pois se sentem europeus, veem-se como “brancos” – e nisto, aliás, são imitados pelo pequeno-burguês “mestiço”, que quer parecer europeu em busca de *status social* (MARIÁTEGUI, [Ideología y política,] 1971, p. 53)⁹.

No artigo El problema de las razas en América Latina, afirma: “Os elementos feudais ou burgueses em nossos países sentem pelos índios, como pelos negros e mestiços, o mesmo desprezo que os imperialistas brancos” – e, portanto, é somente a “revolução socialista” que pode barrar o *imperialismo* de um modo radical. O materialismo histórico, embora tenha começado na Europa, não é um movimento específico ou particular de um povo, mas um “processo mundial” – à semelhança do capitalismo (MARIÁTEGUI, 1971, p. 67).

Pondera, portanto: é vital ao marxismo absorver o que de melhor há em cada distinta cultura, em cada diferente concepção de vida, em um movimento dialético que confronte tais oposições, tais saberes, ocidentais e orientais (note-se que ele usa o termo “oriental” no sentido do não-ocidental, incluindo assim os saberes indígenas, no caso, o dos incas – sobretudo sua desenvolvida formação socioeconômica, que ele denomina “socialismo agrário”¹⁰).

**

9 Vide sobre esse debate Fanon (1952).

10 Vide sobre o tema Mariátegui (2008), bem como meus citados trabalhos anteriores.

Em meados de 1929, os membros do Partido Socialista Peruano, Julio Portocarrero e Hugo Pesce, dirigem-se a Buenos Aires para representar seu partido na I Conferência Comunista Latino-Americana, portando consigo as *Teses* mariáteguianas sobre a questão indígena – visto que o autor esteve impossibilitado de fazer a viagem por motivo de saúde. As três *Teses* que seriam apresentadas por seus camaradas eram: “Antecedentes e desenvolvimento da ação classista”, “Ponto de vista anti-imperialista” e “O problema das raças na América Latina”. Na ocasião, apesar da ausência, Mariátegui foi eleito membro do *Conselho Geral da Liga Anti-Imperialista*, vinculando-se assim organicamente à Internacional Comunista – da qual ele já havia se aproximado ao escrever, algum tempo antes, um dossiê para a *Agência de Informação Soviética* (MARTINS FONTES, 2015, pp. 115 ss).

Como mencionado, a Internacional tinha sido recentemente formada sob o impacto da Revolução Russa (no ano de 1919, em Moscou), pelos líderes bolcheviques, com o propósito de construir uma revolução de âmbito mundial – e, portanto, o poder do Partido Comunista russo sobre os movimentos comunistas de todo o mundo era bastante grande.

No que se refere à questão nacional na América, ocorre que nos anos 1920 membros da III Internacional defendiam controversa tese de se promover a criação de “repúblicas nativas independentes” destinadas unicamente para as populações negras, em países multiétnicos, como a África do Sul e os Estados Unidos. Baseavam-se para tanto em certa leitura um tanto desviada de Lênin, quando o dirigente soviético argumentava que as minorias nacionais tinham direito à autodeterminação, e mesmo à independência. Na Conferência de Buenos Aires, ocasião em que a questão nacional na América ganhou amplitude em meio aos debates dos comunistas, foi levantada essa proposta de criação de estados indígenas, ideia como que “importada” desde a Europa. As *Teses* de Mariátegui se opõem ao abuso de tal *transposição* teórica. Afirmam que a questão indígena é um problema essencialmente de *classes*, e que em seu núcleo não estavam as divisões raciais, mas a posse da terra¹¹. Daí que a solução não se encontrasse em novos *estados independentes*, mas sim na *revolução socialista*. Vale ressaltar que, com essa posição, Mariátegui manteve uma leitura muito mais *tradicional* dos “princípios originais” do marxismo do que a própria Internacional, que se pretendia *ortodoxa*. As três *Teses* de Mariátegui argumentam que o “problema indígena” era fundamentalmente gerado pela

¹¹ Note-se que, embora tal posição firme tenha sido necessária no calor do debate, talvez Mariátegui tenha relativizado demais a importância da questão étnica – debate hoje proeminente.

distribuição injusta das terras e pela estrutura ainda em grande medida *feudal* do campo peruano. Expõem o fato de que o Peru vivia uma realidade bastante diferente das nações mais “ocidentalizadas” e industrializadas da América (Argentina, Brasil etc.): lá, os trabalhadores do campo perfaziam três quartos da população, sendo que nove dentre dez camponeses eram sem-terra – vivendo pois como *servos*.

Embora enfatize uma *singularidade* da sociedade peruana, de acordo com uma perspectiva colocada pelo próprio Lênin, Mariátegui seria criticado por alguns membros da Internacional. Diante disso, argumenta que tal crítica era contraditória com o pensamento leninista, o qual, em *Algumas particularidades do desenvolvimento histórico do marxismo*, defendeu a aplicação do marxismo a cada realidade concreta, e além disso via a *teoria* não como um mero e rígido *dogma*, mas como um “guia vivo” para a ação (LÊNIN, s/d¹²).

Assim, a proposta de Mariátegui é a de que os revolucionários tinham de lutar junto aos negros e índios americanos não pela constituição de um estado separado, mas por um governo de operários aliados a camponeses que representasse todas as etnias – de modo a poder emancipar a todas elas. Do contrário, o que se teria, afirma, seria um “estado indígena burguês, com todas as contradições internas e externas dos estados burgueses” (MARIÁTEGUI, [*Ideologia y política*,] 1971, pp. 48 ss).

Por outro lado, outro ponto fundamental das *Teses* mariateguianas é o que toca no papel socioeconômico dos indígenas nos Andes – na agricultura, nas minas, na indústria; ele aí apresenta um detalhamento do contexto histórico e econômico da região, para demonstrar sua ideia de que por entre os incas havia condições socioculturalmente favoráveis ao “comunismo”, o que poderia facilitar a tais populações uma passagem direta de sua economia, ainda majoritariamente comunitária, ao sistema socialista – sem a necessidade de passar pela degradante “etapa capitalista”, o que implicaria a proletarização e consequente pauperização de grande contingente campesino.

Essa tese foi de encontro àquela então dominante na III Internacional, que – em uma contraditória semelhança com a II Internacional, a que se opunha – pregava (segundo uma visão não menos *eurocêntrica* da história) que o caminho da revolução em países periféricos devia passar pelo *capitalismo* (como se dera na Europa ocidental), tal como uma *missão*

12 Vale uma digressão para observar que publicações “sem data” (s/d) foram muito comuns como método de se escapar à censura ditatorial; é o caso também das *Obras Escolhidas*, em três volumes, publicadas durante a ditadura militar brasileira pela Alfa-Ômega (conforme informação recolhida junto aos próprios editores).

civilizatória.

Frente à divergência, Mariátegui reitera (em Punto de vista anti-imperialista e Mensaje al Congreso Obrero) sua leitura de que o materialismo histórico não é uma teoria estagnada, mas um *método* interpretativo vivo – e mais ainda, uma prática de vida “heroica” e “criadora”, de maneira que cabia aos povos construir sua própria revolução de acordo com a cultura e história de cada país (MARIÁTEGUI, 1971, pp. 53 ss; 2011, pp. 60 ss).

Eram ainda tempos de *dialética revolucionária*, e as teses de Moscou não tiveram um tom impositivo. Dessa forma, ao término da *Conferência de Buenos Aires*, o suíço Jules Humbert-Droz (do Comitê Executivo da Internacional e ministro do *Secretariado Latino*) defendeu a comitiva andina, afirmando que estava de acordo que a “autodeterminação” não era uma solução para os tão complexos problemas étnicos da América, e que isso passava, como propunha Mariátegui, pela questão agrária; concluiu afirmando que uma estratégia revolucionária para a região necessitava de uma análise mais aprofundada daquela *realidade* (SECRETARIADO SUDAMERICANO–IC, 1929).

Apesar da polêmica e críticas sofridas, Mariátegui e seu partido não se afastariam da Internacional Comunista. Como já mencionado – e está escrito no “Programa” de seu Partido –, desde sua fundação o Partido Socialista Peruano se declarou um partido *marxista-leninista*, o que denota o valor que Mariátegui e seus camaradas davam à unidade representada por esta organização partidária – o *partido internacional* dos trabalhadores, que passava um sentimento de esperança e comunhão, fazendo que cada revolucionário, em qualquer situação e em cada parte do mundo, jamais se sentisse sozinho.

No ano seguinte, seu estado de saúde voltou a se agravar – fruto da falta de adequados cuidados médicos quando do início de seu problema na perna, ainda na juventude humilde. O grande marxista latino-americano – que não chegaria a completar 36 anos de idade, mas que, apesar disto, legou aos explorados do mundo uma densa obra publicada em quase 20 volumes –, em um de seus últimos discursos, orientou todos os revolucionários a estudarem o “leninismo”.

Referências bibliográficas

BAUER, O.; PARIS, R.; MARIÁTEGUI *et al.* *Marxists e nacions en lucha*. Lyon:

- Sector Scientific de l'Institut d'Estudis Occitans, 1976.
- BAZÁN, Armando. "Mariátegui y su tiempo". In: *Obras completas de Mariátegui* t. XX. Lima: Amauta, 1964.
- BEAUDET, Pierre. "Socialisme et libération nationale". In: MARIÁTEGUI, J. C.; GARCÍA, L. *Indianisme et paysannerie en Amérique Lat.* Paris: Syllepse, 2013.
- BECKER, Marc. Mariátegui y el problema de las razas en América Latina. *Revista Andina* (Chile), n. 35, jul. 2012. Disponível em: <<http://www.archivochile.com>>, acessado em 21 nov. 2013.
- BELLOTTO, M.; CORRÊA, A. M. "Mariátegui: gênese de um pensamento latino-americano". In: *Mariátegui: Política*. São Paulo: Ática, 1982.
- BORÓN, A. et al. *A teoria marxista hoje*. São Paulo: Expressão Popular/Clacso, 2007.
- BOSI, Alfredo. A vanguarda enraizada: o marxismo vivo de Mariátegui. *Estudos Avançados*, São Paulo, n. 8, v. 4, jan./abr. 1990.
- COUTINHO, Carlos N. "Uma via 'não-clássica' para o capitalismo". In: D'INCAO, Maria (Org.). *História e ideal*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. La filosofía de la praxis en Brasil. *La Haine*, 23 set. 2012. Disponível em: <<http://www.lahaine.org>>, acessado em 16 jul. 2014.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas* [1952]. Salvador: Edufba, 2008.
- FERNANDES, Florestan. Significado atual de José Carlos Mariátegui. *Princípios*, n. 35, 1994-1995.
- FLORES GALINDO, Alberto. *La agonía de Mariátegui*. Lima: Desco, 1980.
- HINOJOSA, G. P. La formación socialista revolucionaria italiana de Mariátegui y la ortodoxia socialista rusa. *Rebelión*, 2008. Disponível em: <<http://www.rebelion.org>>, acessado em 1 dez. 2013.
- HOBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismos desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- LÊNIN, Vladimir Ilitch. "Algumas particularidades do desenvolvimento histórico do marxismo". In: *Obras completas* v. XVII. Madri: Akal, s/d.
- LÖWY, Michael. El marxismo romántico de José Carlos Mariátegui. *Archivo Chile*. Disponível em: <<http://www.archivochile.com>>, acessado em 1 abr. 2013a.
- _____. Entrevista com Michael Löwy (Paris, jun. 2013, com os entrevistadores: Yuri Martins Fontes; Ana Vlândia Cruz). *Mouro*, São Paulo, n. 8, ano 5, dez. 2013b.
- LUNA VEGA, Ricardo. *Sobre las ideas políticas de Mariátegui*. Lima: Edic. Unidad, 1984.

- MARIÁTEGUI, José Carlos. “Historia de la crisis mundial – conferencias” [1923]. In: *Obras completas* t. VIII. Lima: Amauta, 1959.
- _____. “La escena contemporánea y otros escritos” [1925]. In: *Obras completas* t. I. Lima: Editora Amauta, 1964.
- _____. “El alma matinal y otras estaciones del hombre de hoy”. In: *Obras completas* t. III. Lima: Editora Amauta, 1969a.
- _____. “Cartas de Italia”. In: *Obras completas* t. XV. Lima: Amauta, 1969b.
- _____. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. São Paulo: Expressão Popular/Clacso, 2008.
- _____. *Ideología y política y otros escritos*. Caracas: El Perro y la Rana, 2010a.
- _____. *La escena contemporánea y otros escritos*. Caracas: El Perro y la Rana, 2010b.
- _____. *Defesa do marxismo – polêmica revolucionária e outros escritos* [1929]. Org. e trad. Yuri Martins Fontes. São Paulo: Boitempo, 2011.
- _____. Apuntes autobiográficos. *La vida literaria*, maio de 1930, B. Aires. Disponível em: <<http://www.marxists.org>>, acessado em 30 nov. 2013a.
- _____. *Obras completas* v. I – XX. Lima: Amauta. Disponível em: <<http://www.patriaroja.org.pe>>, acessado em 29 jul. 2013b.
- _____. El hombre y el mito. *Mundial*, Lima, jan. 1925. Disponível em *Patria Roja – Obras completas de Mariátegui*, acessado em 30 jul. 2013.
- MARTINS FONTES Leichsenring, Yuri. A atualidade de Mariátegui – ou da crítica ao racionalismo infeliz. *Mouro: Núcleo de Estudos d'O Capital*, São Paulo, n. 3, ano 2, n. 3, jul. 2010.
- _____. “Prefácio: Mariátegui e a filosofia de nosso tempo”. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. *Defesa do marxismo – polêmica revolucionária e outros escritos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.
- _____. *O marxismo de Caio Prado e Mariátegui – formação do pensamento latino-americano contemporâneo*. 2015. Tese (Doutorado) defendida na FFLCH-USP/CNRS, São Paulo.
- _____. *Marx na América – a práxis de Caio Prado e Mariátegui*. São Paulo: Fapesp/Alameda Editorial, 2017.
- MARX, Karl. “O 18 Brumário de Luís Bonaparte” [1851-1852]. In: *Obras escolhidas* v. I. São Paulo: Alfa-Ômega, s/d.
- _____; ENGELS, F. *A ideologia alemã* [1845-1846]. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MELIS, Antonio. *José Carlos Mariátegui y su pensamiento revolucionario*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1974.
- _____. *José Carlos Mariátegui hacia el siglo XXI*. São Paulo: Depto. de

Letras Modernas da FFLCH-USP, 1996.

MIROSHEVSKI, V. M. “El 'populismo' en el Perú – papel de Mariátegui en la historia del pensamiento social latino-americano.” *In: ARICÓ, José (Org.). Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamer.* México: Pas. y Pres., 1978.

PARIS, Robert. *José Carlos Mariátegui et le modèle du 'communisme' inca.* *Annales*, Paris, n. 5, pp. 1.065-1.072, 1966.

_____. *La formación ideológica de J. C. Mariátegui.* México: Pasado y Presente, 1981.

PODESTÁ, B.; MELIS, A. *et al. Mariátegui en Italia.* Lima: Amauta, 1981.

QUIJANO, Aníbal. “José Carlos Mariátegui: reencuentro y debate”. *In: Mariátegui.* Siete ensayos. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2007.

SECRETARIADO SUDAMERICANO – INTERNACIONAL COMUNISTA. “El movimiento revolucionario latinoamericano”. *In: La correspondencia sudamericana*, Buenos Aires, jun. 1929.

VI CONGRESO DE LA INTERNACIONAL COMUNISTA (Moscou/1928). *Cuadernos de Pasado y Presente*, México, Siglo Veintuno, n. 66, 1977.

WIESE, María (Org.). “Biografía de Mariátegui”. *In: Obras completas de Mariátegui* t. X. Lima: Amauta, 1971.

Recebido: 19 de fevereiro de 2017

Aprovado: 11 de junho de 2017